

O segredo que ninguém sabe

29 AGO 1996

PT
OSÉ SARNEY

Discute-se muito e o assunto serve para aulas de literatura, se é que o jornalismo é gênero literário. Não é esse o meu objetivo. Em jornalismo, às vezes, se produz excelente literatura. No século passado, a grande força do jornalismo era o panfleto, o jornalismo panfletário, aquele de incêndio que sobreviveu até bem pouco tempo e, hoje, ainda pode ser apreciado em alguns pequenos jornais municipais e não raros editoriais de grandes jornais. O grande mestre da imprensa maranhense, Nascimento de Moraes, que ainda conheci e com quem trabalhei na redação de "O Imparcial", de São Luís do Maranhão, contava-me histórias daquele tempo, citando um diretor de jornal em que escrevia panfletos que pedia, a respeito do desafeto do dia: "Não esqueça de dizer que ele é *sevandija!*"

Carlos Castelo Branco tem um lugar na história do jornalismo brasileiro deste século porque foi o consolidador do jornalismo de análise, que deu seus primeiros cantos com Tobias Monteiro, que foi secretário, ou como se dizia no tempo, companheiro de trabalho de Joaquim Nabuco.

Castelo gostava de afirmar que era apenas um repórter. E como é difícil ser repórter. Agora, editou-se um pequeno livro que é o depoimento de Castelo sobre a renúncia do presidente Jânio Quadros. Muitas vezes disse-me que tinha escrito estas páginas e que elas somente deveriam ser publicadas depois de sua morte. É o relato preciso de um repórter, que anotou os fatos e os analisou com uma precisão de linguagem e uma honestidade exemplares, característica de

sua personalidade. Como o depoimento de testemunha, não é fácil, para o leitor de hoje, entender aqueles tempos.

O Governo de Vargas foi todo ele marcado por um clima de esperto suspense, sem que ninguém soubesse como era o seu processo de decisão e quais os seus objetivos. Juscelino era todo alegria. Jânio era um Governo, no sentimento dos que com ele trabalhavam, de medos e imprevistos. O presidente era uma alma que não se deixava revelar e nele nunca se distinguia bem entre o grande homem público e o teatro. Castelo não diz isso

no seu livro, mas pinta com precisão esse cenário. Eu, que vivia a intimidade do cotidiano do Governo, descobri muitas das coisas que presenciei sem saber a razão delas. Uma, posso apontar. Eu nunca pensei na profundidade da crise militar que se escondia por trás daquela luta entre José Aparecido e Pedrosa Horta, julgando-a mera rusga de influência que não chegava a ser luta pelo poder.

Carlos Castelo Branco não diz também o motivo da renúncia. Como bom repórter, ele presenciou, porém ficou encurralado num leque de explicações, e nenhuma delas racional. Não quis listá-las. Eu acredito que ninguém pode explicá-la. Nem Jânio Quadros, o autor, sabia. Ele costumava viver pessoalmente um personagem de tensão a inspirar temor. Se tinha afetos maiores, eles jamais se explicitavam, e nem suas idéias, nem suas paixões. Castelo revela que, quando voltou da Europa, após deixar o Governo, o ex-presidente entregou a ele,

Aparecido e Horta a tarefa de escrever a explicação da renúncia, bem como a de escolherem o melhor caminho de levá-la ao público, já com os olhos voltados para o futuro político.

Fui vice-líder do Governo Jânio Quadros. Com o presidente, através de Aparecido, Castelo, Quintanilha, tinha uma convivência quase protocolar. Mas dele sempre recebi provas de consideração. Um dia, às sete horas da manhã, chamou-me a seu gabinete e foi incisivo:

— Preciso do senhor, deputado Sarney. Em Cuba fizeram uma revolução. No

Governo só tem gente jovem. Quero mostrar-lhes que o embaixador do Brasil será um jovem de 30 anos!

Fiquei perplexo. Eu começava minha carreira política e não tinha outra aspiração senão ser um bom parlamentar. Fui ao chanceler Afonso Arinos, meu velho e querido e sempre saudosos amigo, e pedi-lhe proteção: "Ajude-me a demover esse homem dessa insensatez. Eu não tenho,

acrescentei com humor, desejo de repercutir na ONU..." A coisa passou.

No livro de Castelo há uma omissão. A noite da véspera da renúncia, que ele descreve, eu acompanhei de perto. Estava com ele na casa do Horta, que me chamou para uma conversa separada e pediu-me para ir na manhã seguinte à Câmara dos Deputados fazer um levantamento de todos as emendas constitucionais em tramitação, pois desejava ir ao Congresso e responder a Carlos Lacerda tendo como base que todas as reformas que solicitava estavam no Con-

Carlos Castelo Branco não diz também o motivo da renúncia

gresso, não foram por ele inventadas e, assim, não eram as pistas do "golpe de Estado" em andamento, denunciado pelo governador da Guanabara. Eram umas três horas da manhã. Pouco depois saímos. Quando eu e Castelo descemos no elevador perguntei-lhe, sentindo que a crise era profunda: "O que vai acontecer?" Ele respondeu-me: "O Horta caiu, Aparecido ganhou."

Às quatro horas da tarde Jânio estava em Cumbica e todos nós vivíamos uma frustração que doeu por muito tempo.

Algum tempo depois cobrei do Castelo sua afirmação naquela fria madrugada de Brasília, e ele completou: "O Horta caiu mesmo. Somente não se sabia que ele, para não sair só, levou o Jânio." Em mim, ficou a impressão de que aí estava a motivação de o ministro da Justiça ter sido tão intransigente na entrega da carta de renúncia ao Congresso Nacional.

Velhos tempos, que têm o sabor das coisas velhas, vividas e que nunca se explicam. Foi com um sentimento de nostalgia que li, de uma baforada só, o livro de Castelo, tão bem escrito, tão cheio de informações e um subsídio valioso para desvendar essa página de nossa História, das mais ricas e das mais tensas. De Getúlio se sabe o suicídio. Ele sabia que a bala com que ia matar a República do Galeão passava pelo seu coração. Era um gesto político. A renúncia de Jânio nunca ninguém saberá, nem ele mesmo sabia. Era o segredo de uma madrugada de angústia com a lembrança de De Gaulle, renunciando e voltando.

Eu e a UDN, depois da renúncia, contraímos uma úlcera de estômago, que jamais nos largou.

OSÉ SARNEY é presidente do Senado.